

AVALI AÇÃO

MITO & DESAFIO

Jussara Hoffmann

47ª Edição

© by Jussara Hoffmann, 2024

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa da Autora.

Sumário

Prefácio.....	9
Danilo Gandin	
Introdução.....	13
1. Avaliação e aprendizagem.....	17
A avaliação: um monstro de várias cabeças.....	19
A dicotomia educação e avaliação.....	23
Configurações teóricas.....	29
2. Avaliação: mito e desafio.....	37
Uma concepção em discussão.....	42
Influências do modelo de Ralph Tyler.....	52
Desafiando o mito.....	56
3. Imprecisões da terminologia:	
o significado do testar e do medir.....	57
O significado das notas e conceitos.....	60
O uso equivocado dos testes.....	73
A injustiça da precisão.....	82
4. Avaliação como mediação.....	85
Uma concepção de erro construtivo.....	87
Fazer e compreender.....	93
Corrigir por quê?.....	99
Linhas norteadoras.....	105

5. Avaliação na Educação Infantil?	107
Posturas pedagógicas que se perpetuam na Educação Infantil.....	113
Os elos da corrente: observação e reflexão.....	126
Encaminhando uma proposta.....	130
6. Por uma ação mediadora	137
Em oposição à visão liberal.....	141
Conselhos de Classe: burocracia ou cooperação?.....	143
Imagens representativas de avaliação	147
Referências	153

Introdução

Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança (PAULO FREIRE).

Parece-me que desde sempre estive preocupada com a avaliação! Muito jovem, aos 18 anos, já estava lecionando em uma escola particular de Porto Alegre, no então curso primário. E já me era penosa a responsabilidade de avaliar minhas crianças. Acompanhei a Reforma do Ensino, a introdução da Escola Nova, a transição de notas para conceitos, o surgimento de vários pareceres e resoluções sobre avaliação. Recém-formada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1974, passei a lecionar português no 1º e 2º graus (atualmente denominados Ensino Fundamental e Médio).

Se antes já era difícil avaliar, a tarefa tornou-se ainda mais desafiadora. Somei igualmente às minhas dúvidas as de todos os professores com quem trabalhei no exercício das atividades de supervisão.

Assim, foi natural o meu envolvimento completo e apaixonado com a avaliação no Curso de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É certo que, nesse curso, não alcancei todas as respostas que eu pretendia obter. Ao contrário, meus estudos deram origem a muitas perguntas, e tenho sido uma incansável questionadora desde então.

O caminho trilhado pela avaliação tem sido difuso, complicado e absolutamente malsucedido. E digo isso porque tenho sido uma ouvinte atenta de muitas histórias de avaliação que, em sua maioria, provocam risos em quem as ouve. Professores, em especial, reagem como a anedotas, o que me preocupa cada vez mais. Seriam essas reações críticas ou não aos fatos narrados? De que

forma gestores e educadores reconhecem o problema e buscam ações alternativas a essa prática tão contestada?

A ideia deste livro surgiu dos meus alunos e colegas. Vários deles repetiram que eu tinha a responsabilidade de contribuir para ampliar o universo dos professores preocupados com as minhas questões. Este transformou-se, de fato, no objetivo principal de meus estudos e pesquisas: provocar um maior número de estudantes, gestores e educadores a responder uma pergunta fundamental: por que avaliar nas escolas?

Percebi, desde seu lançamento, que é essencial e urgente repensarmos o significado da ação avaliativa da Educação Infantil à Universidade. Quaisquer práticas inovadoras irão se desenvolver em falso se não alicerçadas por uma reflexão profunda sobre concepções de avaliação e de educação.

Procurei reunir, então, alguns estudos que emergiram, justamente, da tentativa de encaminhar essas reflexões em programas de formação docente. Daí que este é um livro que contempla algumas histórias que ouvi e muitas perguntas. Com as histórias procuro desvelar o mito da avaliação, desacomodando práticas rotineiras, automatizadas. As perguntas representam um desafio aos leitores, provocando-os a descobrir caminhos para se contraporem ao mito.

Jussara Hoffmann

1

Avaliação e aprendizagem

O que tem ocasionado a maioria das discussões em torno da avaliação é a tentativa de definição do significado primordial dessa prática na ação educativa. Vários educadores notáveis e com formação diversa voltam sua atenção para o processo de avaliação educacional.

Observa-se, entretanto, que os estudos realizados ainda se detêm, prioritariamente, no "não deve ser" em vez do "ser melhor" da avaliação.

Reconhecendo-a a serviço do controle e da "autoridade do saber" do professor, desde os primórdios da educação, os teóricos da avaliação, nas últimas décadas, importaram-se, sobretudo, em estabelecer críticas e paralelismos entre determinações legais e a prática avaliativa nas escolas, deixando, entretanto, de apontar metodologias exequíveis ao professor que deseje exercer a avaliação em benefício da melhoria da aprendizagem.

Algumas vezes, ocorre o fato de professores universitários, conscientes do problema, discutirem com seus alunos as falhas do processo, fazerem críticas pertinentes, mas exercendo, em suas próprias salas de aula, uma prática avaliativa classificatória e autoritária, contrariando, portanto, o seu discurso pedagógico.

De onde decorre essa contradição? Percebo que a maioria dos estudiosos no assunto debatem, prioritariamente, pressupostos teóricos, modelos e metodologias da avaliação condizentes ou não com determinado contexto social e político. Tais críticas, importantes sem dúvida, não chegam a contribuir para a mudança da ação avaliativa no contexto educacional vigente, pois é mais forte o modelo vivido pelos professores em formação do que os estudos teóricos veiculados.

A contradição entre o discurso e a prática de alguns professores, portanto – a ação classificatória e autoritária exercida pela maioria –, encontra explicação no reflexo de sua história de vida como aluno, no modelo vivido por ele como estudante desde os primeiros anos de escolarização até cursos de pedagogia e licenciaturas. É necessário alertar sobre essa forte influência sofrida pelos futuros docentes para que eles não venham a reproduzir nas escolas, inconscientemente, a arbitrariedade e o autoritarismo que criticaram em teoria. Temos de desvelar tais contradições, consolidando um novo significado para a avaliação da aprendizagem e desmistificando-a de fantasmas de um passado ainda muito em voga.

A avaliação: um monstro de várias cabeças

Em seminários e cursos sobre o tema da avaliação da aprendizagem com grupos de professores de diferentes contextos educacionais (escolas públicas, particulares e assistenciais, escolinhas rurais, universidades federais e particulares) percebo com clareza que a prática avaliativa do professor reproduz e (assim) revela fortemente suas vivências como estudante e como professor.

Suas perguntas e respostas, seus exemplos de situações e seus "casos" expressam princípios e metodologias de uma avaliação estática e frenadora, de caráter classificatório de julgamento de resultados. Tenho solicitado a esses professores, no início de nossos encontros, que relacionem a palavra "avaliação" a algum personagem, pessoa, animal, objeto e/ou fenômeno. Ao final deste livro, apresento imagens representativas de avaliação sugeridas por diretores, orientadores, supervisores, professores e estudantes que participaram de alguns dos cursos e encontros que realizei.

É um jogo interessante, cujas respostas revelam imagens de dragões, monstros de várias cabeças, guilhotinas, túneis escuros, labirintos e carrascos... Outras imagens evocam objetos-surpresa ou de controle: bolo de faz de conta, embrulho de presente, radar, termômetro, balança... Raras vezes surgem imagens de cunho positivo relacionadas à palavra. As justificativas da escolha dessas imagens, representativas de avaliação, expressam com intensidade a concepção pejorativa inerente ao termo. O jogo é revelador e desestabilizador. Desvela individualmente e ao grupo contradições, dúvidas e, ao mesmo tempo, suscita um sem-número de questões. Estaria o leitor, nesse momento, a buscar sua imagem? E qual seria a justificativa para essa escolha?

Ao buscar a sua imagem, o leitor irá dar-se conta de que "avaliação" é um termo que absorve várias definições e sentimentos. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados, relacionados principalmente aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação. Percebe-se uma relação direta entre tais procedimentos e a avaliação, com uma grande dificuldade em compreender que não são elementos idênticos. Dar nota não é avaliar, fazer prova não é avaliar, registrar notas ou fazer boletins não é avaliar no sentido próprio dessa palavra. Da mesma forma, as ações que explicam o termo são diversas. Avaliar, segundo os entrevistados, significa "analisar o desempenho dos alunos, julgar resultados ao final de um período, medir capacidade ou aptidão, apreciar o todo da aprendizagem", entre muitas outras respostas. Ouço, na maioria das vezes, tantas definições diferentes quanto são os professores presentes aos encontros. Resultam dessa diversidade as variadas "imagens" representativas do termo a que me referi.

A concepção de avaliação mais marcante da trajetória de alunos e professores, até então, é a de julgamento de valor dos resultados alcançados. Por isso, a presença significativa dos elementos como prova, nota, conceito, reprovação, registro, etc., nas relações estabelecidas.

Uma professora definiu avaliação como "conjunto de sentenças irrevogáveis de juízes inflexíveis sobre réu, em sua grande maioria, culpados". Definição essa acrescida do personagem de outra professora: "São Pedro: o que decide quem entra (ou não) no céu!" A contundência desses exemplos expressa a arbitrariedade e o autoritarismo inerentes à concepção de avaliação como julgamento.

Apresento esses fatos para argumentar sobre a hipótese de que a avaliação da aprendizagem, uma prática educacional ainda em construção, apesar de histórica, permanece como uma forte razão de conflito entre alunos e professores devido a uma concepção arraigada de "julgamento e sentença". Razão para as angústias que expressam e as imagens pejorativas.

Interessante observar que os mesmos professores que sugerem tais imagens contestam o significado pejorativo que conferem à avaliação. Complementam suas falas com comentários tais como "avaliação não deveria ser isso, mas é isso o que é!" "Estamos falando do que é, ou do que avaliar deveria ser?" "Eu não concordo com a minha definição, mas não encontro outra!"

A dicotomia educação e avaliação

Nos equívocos e contradições que se estabelecem em torno dessa prática, a decorrência é a dicotomia educação e avaliação: professores percebem o ato de educar e o ato de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados, praticando essas ações de forma diferenciada. Assim é, por exemplo, a atitude de muitos professores de Educação Infantil e dos anos iniciais. Seu cotidiano revela um efetivo acompanhamento do desenvolvimento dos alunos a partir de um relacionamento afetivo e da busca de compreensão de suas dificuldades. Ao final de semestres, trimestres ou bimestres, contudo, enfrentam a tarefa de transformar suas observações (significativas e consistentes) em pareceres descritivos seguindo listas de objetivos e/ou de comportamentos elaboradas em gabinetes de supervisão, ou de outras formas. Esse professor compreende, e com toda razão, esse segundo momento como uma ação educativa, mas puramente burocrática, que nada tem a ver com o seu dia a dia com as crianças.

Violenta-se e cumpre a exigência da escola sem perceber que a ação de avaliar se fez presente e de forma efetiva no cotidiano escolar, que o problema está nas exigências burocráticas da escola e do sistema.

A dicotomia educação e avaliação é uma grande falácia. A avaliação é essencial à educação. O ato de avaliar é inerente e indissociável do ato de educar quando concebidos ambos como problematização, questionamento, reflexão sobre o processo de aprender e de ensinar.

Um professor que não avalia constantemente a sua ação educativa, no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais. Por isso é importante evoluir-se rumo a uma compreensão mais ampla do processo de avaliação nas escolas, deixando-se para trás a concepção classificatória do século passado de "julgamento de resultados do desempenho escolar dos alunos".

Meu objetivo com essas considerações é provocar a tomada de consciência e a reflexão crítica de gestores e professores sobre novos rumos e caminhos para avaliação educacional, porque ela veio se transformando numa perigosa prática educativa – responsável em grande parte pela evasão e exclusão de milhares de estudantes do país nas últimas décadas.